



cieg

CENTRO
INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDOS DE
GÉNERO



Género e Sexualidade

Anália Torres

Socióloga

Professora Catedrática

Diretora do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, CIEG
ISCSP/ ULisboa



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE
MEDICINA
LISBOA

III Curso de Pós-Graduação em Sexualidade Humana

28 de Outubro de 2023

1. Porque falamos de sexo e de género?

1.1 Análise histórica e contextual sobre os dois termos.

1.2 Relação entre o social e o biológico, contraria estereótipos.

1.3 O *Bias* ou Viés inconsciente

2. Género e sexualidade

2. 1 Mudança social, género e sexualidade

2.1.1 Do século XIX ao século XX. Homens e mulheres, mundos diferentes

2.1.2 Dos anos 60 do Século XX ao Século XXI.

2.2 Alguns dados

3. Diferenças entre HM, semelhanças e desigualdades. Conclusões de pesquisa contraintuitivas.

4. Notas conclusivas

1. Porque falamos de sexo e de género?

1.1 Análise histórica e contextual sobre os dois termos.

Primeira fase, finais do século XIX até 1ª à primeira metade do século XX,

- A medicina, a biologia a psicologia, **não distinguem sexo de género.**
- Diferenças **biológicas determinavam comportamentos**, características, **traços de personalidade, maneiras de pensar diferentes** de homens e de mulheres.
- **Sexo biológico= género respetivo** e uma **visão binária**: macho/fêmea; homem/mulher; masculino/feminino, opostos que no entanto se complementavam.

(perspetivas ainda defendidas na contemporaneidade)

1.2 Segunda fase 1960/ 1970:

inaugura uma visão que distingue:

-**Sexo**, que se associa nesta perspetiva à diferença **biológica** entre os sexos,

-**Género** que se centra na dimensão **cultural**, ou seja, nos significados que se atribuem em diferentes sociedades e contextos sociais ao que é ser mulher ou homem.

- Propostas feministas **no campo filosófico**, no das **ciências sociais** e no debate **público e na arena política** através de um conjunto de contributos de autoras e autores diversos e dos movimentos de libertação das mulheres (feminismo de segunda vaga), de gays e de lésbicas.

A tese central de Simone Beauvoir em O Segundo Sexo

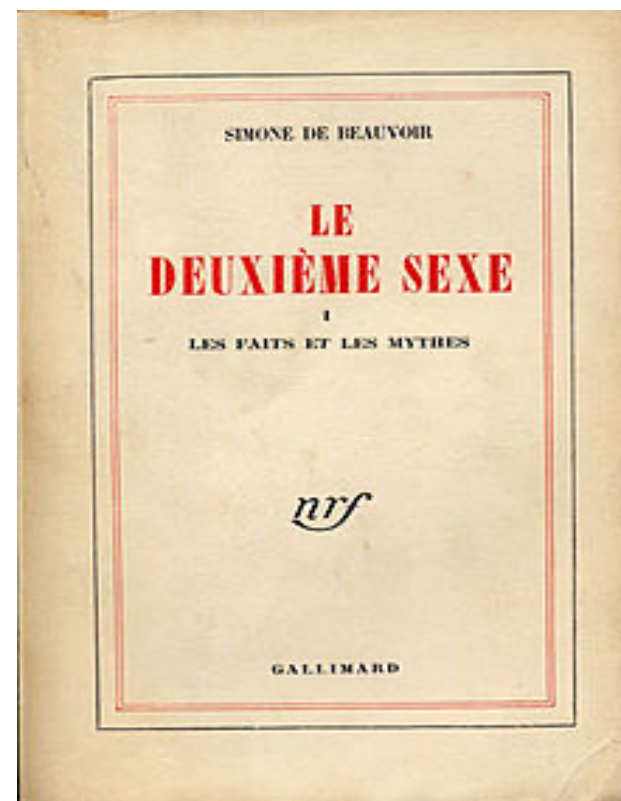
Não se nasce mulher, torna-se (...)" (1949/1953)

Apresenta uma visão de ser-se mulher como uma construção:

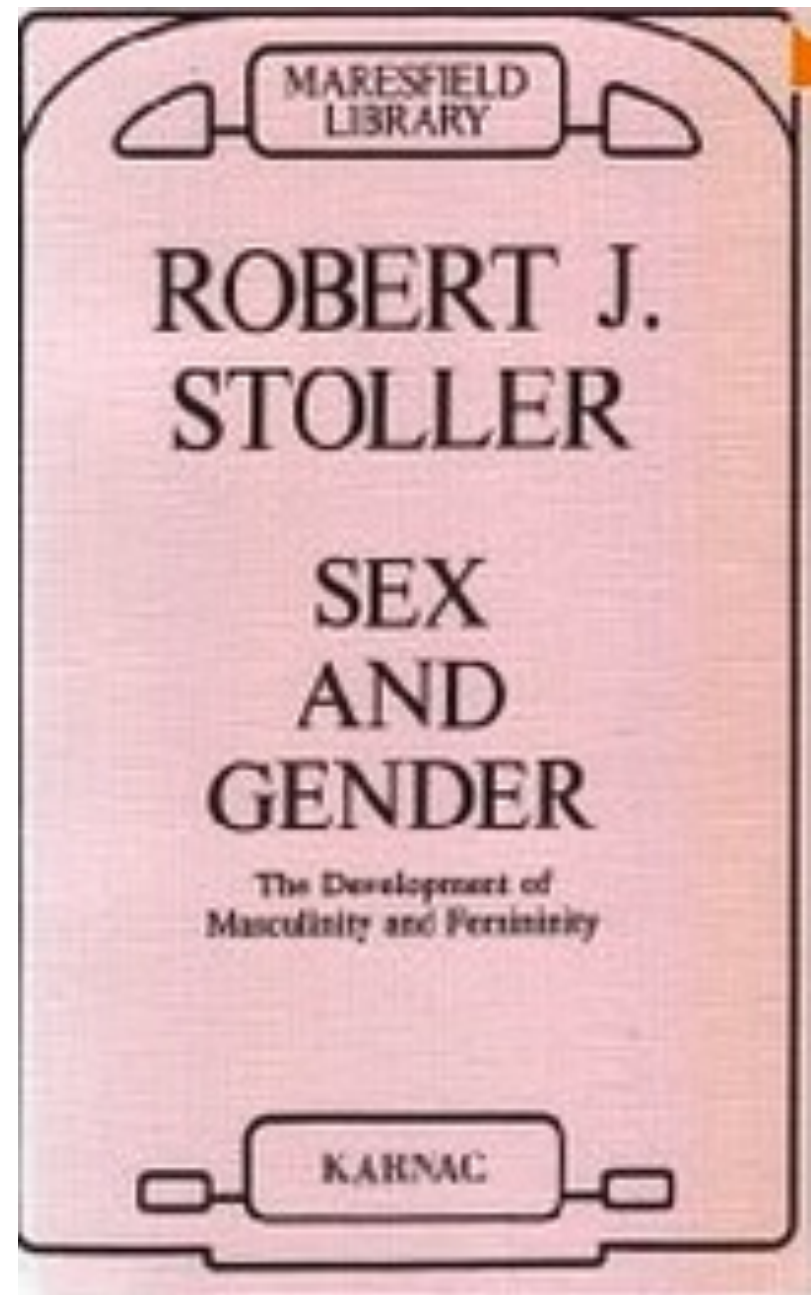
No tempo histórico. Análise desde a antiguidade clássica.

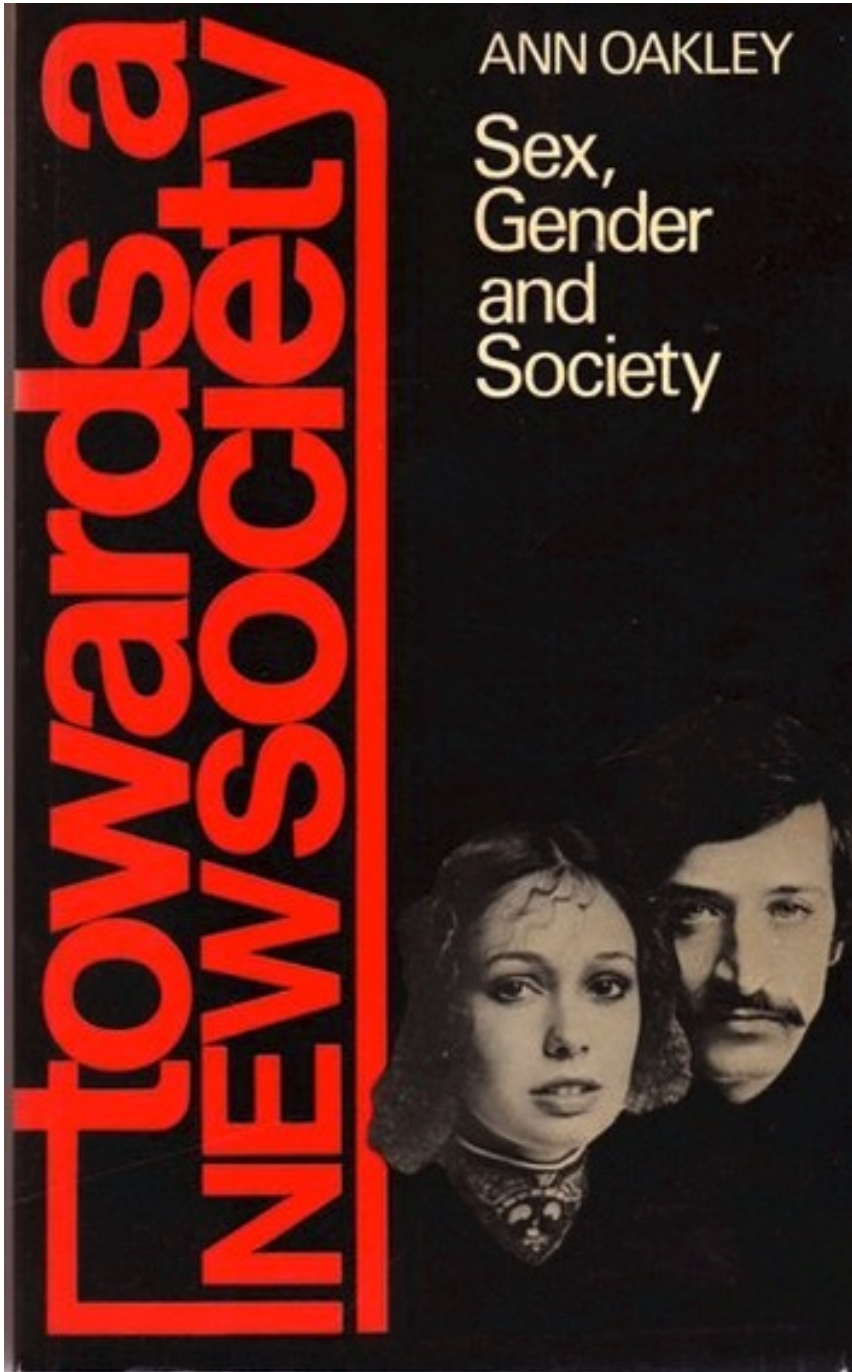
No tempo individual: as mulheres incorporam ao longo da sua vida a forma como “devem” ser mulheres.

Ideia de construção normativa e cultural a partir do sexo biológico



- “Gênero” já era um conceito conhecido nas ciências médicas.
- Stoller distingue, em 1968, **sexo** como *marcador físico e biológico* e **gênero** como *aspecto cultural, de produção sociológica ou psicológica*, que contribui para a percepção e compreensão do corpo e para a *construção do ‘eu’ e dos ‘outros’*.





- “o sexo é um dado biológico, uma constante, mas o género é uma construção social”.
 - Acentua a separação entre sexo e género
 - Mostra como os papéis de género são construídos e como podem, por isso, ser variáveis, suscetíveis de mudança, do que se define como norma adequada para um género ou para o outro.
- (Oakley, 1972: 53)

Oakley, (1974) Numa pesquisa sociológica sobre o trabalho doméstico conclui que a esmagadora maioria das mulheres (70%) estão insatisfeitas, se sentem isoladas e tinham longas jornadas de trabalho semanal não pago (à volta das 77H).

Betty Friedan (1963), contribui no seu livro *Feminine Mystic* também para desconstruir a imagem da mulher doméstica, satisfeita e plenamente realizada como lugar a que todas as mulheres “aspirariam”, identificando o *mal que não tem nome*. Em. (data)

Margaret Mead antropóloga como nalgumas sociedades os papéis atribuídos a homens e a mulheres são completamente diferentes e por vezes mesmo opostos, aos que conhecíamos nas sociedades ocidentais. (Mudungamor, Arapesh, Tachambuli tribos da Nova Guiné).

Ou seja é a cultura, são as normas, os contextos sociais que contribuem para a definição de papéis e não a determinação biológica.

Feminismo de segunda vaga

1.3 Terceira fase, anos de 1990

Várias autoras e autores começaram a chamar a atenção para o facto de o próprio sexo biológico ser menos constante e poder apresentar-se de forma mais contínua do que binária.

A discussão sobre o que distingue biologicamente, homens de mulheres, complexifica-se (contributos de biólogas como Ann Fausto-Sterling).

- Pode-se ter um sexo genético diferente do sexo hormonal ou/e anatómico. Uma criança pode ser, por exemplo, geneticamente feminina (dois cromossomas XX e sem Y) mas ter genitais masculinos (Holmes, 2007: 25).
- Os genitais podem à nascença apresentar características ambíguas; os cromossomas, por outro lado, não surgem apenas na vertente simples e diferenciada de XX ou XY, existindo pessoas com XXY.

A natureza produz uma variação de combinações possíveis de características masculinas (ou de macho) ou femininas (ou de fêmea) e os números são muito superiores ao que seria de supor.

Estimativas precisas são difíceis mas calcula-se que de entre 1 em 2000 bebês a 17 em 1000 crianças nascem com alguma forma ou condição intersexual (Fausto Sterling, 2002b: 20; Hird, 2004:15 *apud* Holmes, 2007: 25).

Por sua vez a *Intersex Society of North America* oferecendo valores detalhados para cada condição intersexual, baseados ainda hoje nas definições de Fausto-Sterling, aponta para 1 em 1500 pessoas inter-sexo uma vez que algumas condições não são reveladas ao nascimento.

As propostas do **feminismo de terceira vaga** vêm introduzir novos questionamentos na relação entre sexo e género. **A sexualidade**, tema também importante nas propostas anteriores, assume papel **ainda mais central nas questões de sexo e género**.

Passa-se assim a considerar que o género não é uma propriedade dos indivíduos **mas algo que nos “é feito”** e atribuído desde a nascença, e que nós vamos construindo e negociando ao longo da vida e nas diferentes interações sociais.

O género pode “subverter” o próprio ao sexo biológico, o que se torna muito visível no caso dos transexuais. Esta visão *performativa* do género é importante porque sublinha a possibilidade de agência, isto é a capacidade de agir sobre a uma realidade que pode ser sentida como constrangedora.

Abre portas para **a diversidade das identidades de género**, para a possibilidade do carácter fluido do género questionando **o imperativo da hetero-normatividade**. É o que Judith Butler e outros autores e autoras *queer* têm defendido (Richardson, 2008: 9-17).

Series from the Lancet journals

[View all Series](#)

Gender Equality, Norms, and Health

Published: May 30, 2019

Executive Summary

The Series on Gender Equality, Norms, and Health is a collection of five papers, led by Gary Darmstadt and colleagues, that provides new analysis and insights into the impact of gender inequalities and norms on health, and the opportunities that exist within health systems, programmes, policies, and research to transform gender norms and inequalities. The need for more action and accountability on gender equality is clear: introduction of the 2030 Agenda for Sustainable Development and the Universal Health Coverage goals demand greater attention to the social determinants of health, including gender, for the purpose of enabling all people to reach their full human potential. The systemic neglect of gender norms and inequalities in programme design, implementation, monitoring, and evaluation undermine the health of everyone—women and girls, boys and men, and gender minorities. This Series aims to inform the global health community of the critical need and effective actions to recognise and transform restrictive gender norms and gender inequalities, and their intersections with other social inequalities—including those related to age, race/ethnicity, religion, and socioeconomic status—in all they do.



Audio

▶ 0:00 / 0:00

[Download](#)

A Series on gender norms, equality, and health
Gary Darmstadt (Stanford University, USA) in discussion with *Lancet* Executive Editor Jocalyn Clark on the priority to transform gender norms and inequalities. The need for more action and accountability on gender

Lancet series on Gender with several papers concerning gender norms and health issues

Panel 1: Definitions as used in the Lancet Series on gender equality, norms, and health

Sex

A person's biological status as male, female, or intersex (a person who is born with sexual anatomy or chromosomes that do not conform to what typically distinguishes male from female). There are a number of indicators of biological sex, including sex chromosomes, hormones, internal reproductive organs, and external genitalia.

Gender

The culturally defined roles, responsibilities, attributes, and entitlements associated with being male or female in a given setting, along with the power relations between and among women and men, and boys and girls. The definition and expectations of what it means to be a woman/girl or man/boy, and sanctions for not adhering to those expectations, vary across cultures and over time, and often intersect with other factors such as race, class, age, and sexual orientation.

Gender norms

The often unspoken social rules that govern the attributes and behaviours that are valued and considered acceptable for males and females within a given culture or social group. Norms are learned and reinforced from childhood to adulthood through observation, instruction, positive and negative sanctioning, the media, religion, and other social institutions. At times, norms can be so pervasive that individuals mistakenly assume that they are "natural" or "ordained" and thus immutable.

Restrictive gender norms are those that permit only a narrow range of gender expressions and/or behaviours as acceptable for men and women. Individuals who do not conform to prevailing gender norms may experience sanctions.

Gender system/order

The structures, social relations, and processes that define males and females as different in socially significant ways and justify inequality on the basis of that difference. Each society creates and maintains a system where women and men are assigned different tasks, roles, and social positions. Most existing gender systems consider things deemed male/masculine superior to those deemed female/feminine.

Gender equality

The concept that all human beings, irrespective of their sex or gender identity, are free to develop their personal abilities and make choices without the limitations set by stereotypes, rigid gender roles, or discrimination. Gender equality means that the different behaviour, aspirations, and needs of males, females, and people of other gender identities are considered, valued, and favoured equally. It does not mean that women and men become "the same", but that the rights, responsibilities, and opportunities of individuals will not depend on whether they were born male or female.

Gender equity

The process of being fair to women and men, boys and girls. To ensure fairness, measures must be taken to compensate for cumulative economic, social, and political disadvantages that prevent women and men, and boys and girls from operating on a level playing field.

Gender minority

A group whose gender identity and/or expression differs from the majority of the surrounding society. It can also refer to transgender, genderqueer (including third gender), or non-binary.

Gender identity

A person's internal psychological sense of being male or female or a blend of both. One's gender identity can be the same or different from one's sex assigned at birth.

Gender expression

How an individual expresses a sense of being masculine, feminine, neither, or both through clothing, mannerisms, haircut, voice, and behaviour. Gender expression is not an indicator of sexual orientation.

Sexual orientation

Sexual orientation refers to an enduring pattern of emotional, romantic and/or sexual attraction to men, women, or both sexes. It is separate from gender identity or how a person chooses to display gender through their appearance, dress, and actions.

Transgender

An umbrella term for persons whose gender identity, gender expression, or behaviour does not conform to that typically associated with the sex to which they were assigned at birth.

Panel 2: Definitions of gender in programme planning as used in the Lancet Series on gender equality, norms, and health

Gender analysis

A systematic methodology for examining the differences in roles and norms for women, men, girls, and boys; the different levels of power they hold; their differing needs, constraints, and opportunities; and the impact of these differences on their lives. It is a planning tool used to anticipate the impact of policies and programmes in light of these realities to help ensure that programmes achieve their stated goals and do not exacerbate gender inequalities.

Intersectional analysis

The recognition that an individual's lived experience and position in society is simultaneously defined by intersecting hierarchies of power based on race, class, ethnicity, sexual orientation, gender, (dis)ability, and other form of social inequality.

Gender transformative

Programmes that "seek to transform gender relations to promote equality and achieve program objectives by: 1) fostering critical examination of inequalities and gender roles, norms, and dynamics; 2) recognizing and strengthening positive norms that support equality and an enabling environment; 3) promoting the relative position of women, girls, and marginalized groups; and 4) transforming the underlying social structures, policies, and broadly held social norms that perpetuate gender inequalities".⁹

Gender mainstreaming³

The process of assessing the implications for women and men of any planned action, including legislation, policies or programmes—a strategy for making women's as well as men's concerns and experiences an integral dimension of the design, implementation, monitoring, and evaluation of policies and programmes so that women and men benefit equally and inequality is not perpetuated. It was endorsed at the Fourth World Conference on Women (1995) as the strategy to be adopted by institutions to address gender inequality.

(Continued on next page)

1.2 Relação entre o histórico, social e biológico contraria estereótipos.

Relação entre histórico, social e biológico contraria estereótipos

- Os testes de QI, sem diferenças, o que espantou os psicólogos (anos 30 do século XX)
- O que se passou foi que foram fazendo testes sucessivos – porque estranhavam não haver diferenças – encontraram três diferenças tendenciais:
 - 1) agressividade
 - 2) zonas mas especializados do cérebro (mas também há autores que contestam, plasticidade)
 - 3) orientação espacial

E maior propensão masculina para a matemática e das raparigas para a leitura. Mas os dados do Pisa mostram que as raparigas recuperaram imenso na matemática e os rapazes também (embora menos) na leitura, e que ambos progrediram. Nos domínios que não eram os tradicionalmente de cada um deles.

- Mas estas pequenas diferenças – que ainda parecem estar a diminuir aproximando-se cada vez mais - transformaram-se em “dois planetas”.

Relação entre histórico, biológico e o social (cont.)

- Quando falamos nos séculos passados e falamos por exemplo de **mulheres nobres e mulheres do povo** o que as distingue serão as **diferenças biológicas**? Ou serão mais importantes as diferentes condições de vida? E uma mulher negra (**Sojourner Truth – Ain't I a woman?**).
- E mesmo pensando nas semelhanças – gravidezes sucessivas por exemplo – estas vidas dessas épocas serão parecidas com as nossas? A condição biológica terá hoje a mesma influência do que no passado?
- E a força física? Será tão importante na era dos computadores e do digital?

Estamos a falar de processos em que o histórico, o biológico e o social se entrelaçam de forma estreita.

2. 1 Relação entre histórico, biológico e social contraria estereótipos (cont.)

- Comportamentos **agressivos e violentos** por parte dos homens associados aos seus níveis mais **elevados de testosterona**. Ora, o que os estudos desenvolvidos por biólogos/as e psicólogos/as mostram é que não são necessariamente os homens com níveis mais elevados de testosterona que têm comportamentos mais agressivos.
- Mais importante será a forma como desde crianças eles foram habituados a lidar com os impulsos agressivos. O que revela, mais uma vez, a complexidade da relação entre o biológico e o social (Sapolsky, 2014: 39).
- Os estudos **na área das neurociências**, por outro lado, têm cada vez mais mostrado que **as diferenças entre “cérebros” são mais expressivas entre pessoas (intra-sexos) do que inter-sexos. Gina Rippon e a neuroplasticidade)**
- *O bias (viés) inconsciente ou implícito*

Relação entre o biológico e o social, contraria estereótipos (cont.)

A plasticidade do cérebro – Gina Rippon e o taxista de Londres

[A welcome blow to the myth of distinct male and female brains](#)

- Com base na análise detalhada e cuidadosa das principais características analisadas a partir de scans de mais **de 1400 cérebros** humanos do sexo feminino e masculino, a investigadora israelita Daphna Joel e colegas demonstraram **que a maioria são misturas únicas ou "mosaicos" de características anteriormente pensadas como "masculinas" ou "femininas"**.
- Um cérebro que não é uma mistura é considerado extremamente raro.

Gina Rippon

A plasticidade do cérebro (M. Hines)

- A ideia da complexidade do gênero é também defendida pela psicóloga Hines que trabalhou com neurocientistas, concluindo que o
 - “gênero é multidimensional e que cada dimensão de gênero é moldada por diferentes combinações de influência genética, hormonal e social” (Hines, 2014: 129).
- Embora a influência da exposição à testosterona das crianças possa ajudar a explicar as escolhas dos brinquedos – os rapazes tendendo a escolher caminhões e as raparigas bonecas –
 - **outros fatores pesam tanto como esses, nomeadamente, “o ambiente hormonal prematuro, a socialização externa e a auto-socialização todas contribuem para as preferências das crianças por brincadeiras estereotipadas por sexo.**

A plasticidade do cérebro (M. Hines)

“porque as causas das diferenças sexuais do comportamento humano são múltiplas, e diferem de um comportamento para outro, cada um/a de nós é uma mistura complexa de características, algumas mais tipificadas por género do que outras.

Como consequência, o nosso cérebro tem muitos sistemas genderizados, cada um dos quais pode ser mais ou menos genderizado dependendo dos nossos genes e do ambiente hormonal prematuro, assim como das nossas histórias de socialização” (Hines, 2014: 141).

Mais diferenças dentro do mesmo grupo

- Além disso, há vários anos, os psicólogos têm dito que, em termos de habilidades cognitivas e características de personalidade, os "dois" sexos são muito mais parecidos do que diferentes. Saber só se alguém é masculino ou feminino é um preditor muito pobre de quase qualquer tipo de comportamento.
- Mais recentemente, investigadores mostraram que, em mais de 100 medidas comportamentais diferentes, as pontuações masculinas e femininas não podiam ser confiáveis (ou com precisão) agrupadas em duas categorias distintas.

Mais diferenças dentro do mesmo grupo (cont.)

Alexandra Kautzky-Willer, chefe da Unidade de Medicina de Género da Universidade Médica de Viena, na Áustria

- "Há diferenças entre homens e mulheres quando se olha para grandes grupos, e isso é importante para o diagnóstico e tratamento”;
- "Mas há sempre **mais diferenças dentro do mesmo grupo de género**. Precisamos sempre de considerar outras diferenças como a cultura, o meio ambiente, a educação e o papel de uma pessoa na sociedade”.

1.3 O Viés inconsciente

Efeito Matilda (e efeito Mateus)

- [The Matilda Effect in science: Awards and prizes in the US, 1990s and 2000s](#)
- **Efeito Matilda** é o preconceito frequente contra reconhecer as contribuições de [mulheres cientistas](#) em pesquisas, cujo trabalho é frequentemente atribuído aos seus colegas homens. O efeito foi inicialmente descrito pela sufragista e abolicionista do século XIX, [Matilda Joslyn Gage](#), no seu ensaio "*Woman as Inventor*", e cunhado em 1993 pela historiadora da ciência [Margaret W. Rossiter](#)
- O efeito Matilda está relacionado com o [efeito Matthew](#), uma vez que cientistas eminentes frequentemente recebem mais crédito do que um investigador comparativamente desconhecido, mesmo que seu trabalho seja em conjunto ou similar.

Matilda Effect

Denial of the contribution of women scientists in research
first described by Matilda Joslyn Gage



Mary is a female researcher working in an interesting field. She has got relevant ideas and has obtained promising results

but



it is **Marc**, male fellow researcher in the same field, who is going to get the credit for Mary's work.

It happened to the work of such extraordinary female scientists as:

Lise Meitner



Rosalind Franklin



Marietta Blau



Impacto de género em investigadores/as no início de carreira

- Steinpreis e outros (**1999**) enviaram um CV de um/a investigador/a em início de carreira à procura emprego para 238 psicólogos académicos nos EUA. O género do/a candidato/a foi manipulado (masculino / feminino), mas os currículos eram o mesmo. (Steinpreis, RE, Anders, K, Ritzke, D (1999));
- Os resultados mostraram que tanto os académicos do sexo masculino como feminino eram mais propensos a querer empregar um candidato do sexo masculino do que do sexo feminino com um CV igual.
- Da mesma forma, ambos os sexos relataram que o candidato a emprego masculino tinha uma experiência de ensino, pesquisa e serviço mais adequado em comparação com o/a candidato/a do sexo feminino.
- Este efeito deixava de se verificar na análise curricular de seniores

- Resultados semelhantes foram observados em Moss-Racusin et al **(2012)**. Um estudo aleatório (com double-blind*) (n = 127), numa faculdade de ciências classificou as informações disponibilizadas na candidatura de um/a aluno/a a quem foi atribuído aleatoriamente um nome masculino ou feminino para um cargo como gestor de laboratório.
- Os/as selecionadores/as classificaram o candidato masculino como significativamente mais competente e desejável do que a candidata.
- Também escolheram um salário inicial mais alto e ofereceram mais tutoria profissional para o candidato masculino. O sexo do/a seletor/a não afetou as respostas.
- *os/as avaliadores/as não sabiam que se tratava de uma experiência.
- Moss-Racusin, CA, Dovidio, JF, Brescoll, VL, Graham, M & Handelsman, J (2012) Os viés subtis de género numa faculdade de ciências favorecem estudantes do sexo masculino ". Actas da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos da América 109 (41): 16474-16479.
-

Em síntese

- **Conceito de Género como** significados atribuídos aos “sexos” (biológicos) num sistema social particular. Construção social. O biológico não **determina** comportamentos.
- Superação da visão binária– perceber que há mais fluidez do que se pensava. Mas necessidade de categorizar, não é possível, nem útil, deixar de usar as categorizações homem/mulher. O que é fundamental é abrir espaço para quem não se identifica com uma categoria ou com outra ou que se define como *queer* ou não binário. É acrescentar, e não impor a não definição.
- As diferenças biológicas e psicológicas entre HM são pequenas – já vamos ver. Mas as que existem devem ser tidas em conta – exemplo **da saúde** e novamente aqui a importância de abandonar o masculino como o referente “neutro”.
- **Relação profunda entre biológico e social (ou ambiente) com muito ainda para investigar e conhecer .**

2. Género e sexualidade

2.1 Mudança Social, género e sexualidade

1. **Recomposição Social e mudança no século XX**, particularmente, nos últimos 50 anos com especificidades para Portugal.
2. **Mudanças tecnológicas e científicas.**
 - Revolução contraceptiva, **desvinculação entre sexualidade e procriação.**
 - Novas formas de procriação (PMA) (**procriação sem sexualidade**).
3. Três direitos que emergem sobretudo a partir do segunda metade **do século XX e do início do século XXI: igualdade entre mulheres e homens, direitos das crianças, direitos LGBTIQ+**

2.1.1 Género e Sexualidade, do século XIX ao século XX. Homens e mulheres, mundos diferentes

Homens

direito à sexualidade e à parentalidade em esferas diferentes: **o homem pai ou não, tem direito à sexualidade** mas “exerce-a” noutra esfera que não a da família, junto das amantes, das mulheres cortesãs ou das mulheres pagas para ter “sexo”;

Mulheres

ou são corpos sexuados – as mulheres para o prazer, minoria escondida, mas essencial para manter a “moral e a os bons costumes” e a masculinidade hegemónica;

ou são mulheres-mães com sexualidade circunscrita à procriação

(modelo com forte persistência cultural com efeitos claros ainda em pleno século XX e mesmo XXI em PT)



- Neste quadro a sexualidade é heterossexual por definição e tudo o que sai fora desta é proscrito: ou “não existe” ou é considerado como desvio anti-natural. E a sexualidade heterossexual é para as mulheres fundamentalmente procriativa.
- É esta centralidade das mulheres na esfera procriativa e da reprodução e a divisão entre **esfera produtiva e pública** e **esfera reprodutiva**, que se gera a desigualdade **pela valorização da primeira em detrimento da segunda**.
- O que situa homens e mulheres definindo uma hierarquia (que afecta também quem não é heterossexual)



- Este lugar dominante do homem tem obrigações responsabilidades – prover, proteger. Mas é quem tem o poder de decidir. Na parentalidade a lei é a lei do pai e na conjugalidade a lei do marido.
- A visão da “complementaridade” – às mulheres o emocional e o expressivo e aos homens o “instrumental” - **faz obscurecer a assimetria de poder.**



- No mundo ocidental o enquadramento simbólico da religião sedimentou esta ideologia. Mas na religião católica de forma diferente da religião protestante.
- A religião católica sacraliza a sexualidade (e o casamento considerado como um sacramento) mas para a protestante, sobretudo a de inspiração luterana, o casamento é do lugar do “profano” e por consequência a sexualidade também (razão pela qual os bispos protestantes casam).



- Mas há também a influência do **saber médico** ao “biologizar” as **diferenças entre homens e mulheres**, conferindo-lhes um lugar subalterno ou ao **anatemizar a homossexualidade** considerando-a doença.
- Por outro lado, a **medicina também “descobre”** e denuncia as **crianças maltratadas**, a situação das **mulheres violentadas** e sem acesso ao **planeamento familiar**, contribui para a descoberta de medicamentos e procedimentos que revolucionam a vida e a criação da vida (PMA).



2.1.2 Dos anos 60 do Século XX ao Século XXI.

- **Sentimentalização, valorização da dimensão afectiva** o amor como necessidade vital.
- **Individualização: valorização dos direitos individuais no contexto da família** a igualdade entre homens e mulheres; a criança como sujeito de direitos;
- **Privatização:** a valorização dos direitos humanos assume a possibilidade de interferência no privado;
- **Secularização:** perda acentuada da perspectiva do casamento como “sacramento”; descida acentuada das práticas religiosas; religiosidade individualizada.

Consequências para as relações de género, a parentalidade e a sexualidade

1. Maior igualdade entre mulheres e homens na conjugalidade e na parentalidade.
2. Do poder “paternal” às responsabilidades parentais : uma mudança de conceção profunda. Centralidade da criança.
3. Clarificação da distinção entre relação conjugal e relação parental (já tinha ficado claro com o aumento do divórcio).
4. Com o reconhecimento da homoparentalidade – a orientação sexual desvincula-se também da parentalidade.
5. Finalmente capacidade biológica e competências parentais distinguem-se (o que também já tinha sido evidenciado nos casos de maus tratos ao filhos/as)

Vejam os alguns dados...



	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo
Um pai sozinho ou uma mãe sozinha podem criar um filho tão bem como os dois juntos	47,1%	14,0%	38,9%
Um casal de duas mulheres pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher	45,2%	11,9%	42,9%
Um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal de um homem e uma mulher	39,7%	13,1%	47,2%

ISSP, Portugal, 2014

Ramos, Atalaia e Cunha, 2016, Policy Brief

- A população global dividida com ligeira tendência para maior aceitação da homoparentalidade no feminino do que no masculino.
- Diferenças não são substanciais mas refletem as velocidades e gerações diferentes que convivem na sociedade portuguesa.
- As fracturas são de idade e de género. A aceitação das três situações é expressivamente maior **nos mais novos** e junto **das mulheres**.
- **Tendência idêntica à Europeia mas com expressão acentuada em Portugal.**
-

%	Desaprova se uma pessoa vive com uma pessoa sem ser casada			Desaprova se uma pessoa tem filhos sem ser casada		
	Bust Generation (15-34)	Boom Generation (35 - 64)	War Generation (65+)	Bust Generation (15-34)	Boom Generation (35 - 64)	War Generation (65+)
Sweden	3,1	2,8	4,3	6,1	4,4	10,7
Finland	4,9	4,5	20,6	6,6	8,6	27,0
Netherlands	9,7	10,7	17,6	11,1	13,6	23,8
Germany	6,1	7,2	19,8	12,2	12,9	28,4
UK	10,4	9,9	29,7	11,6	18,0	39,9
Spain	5,9	10,5	44,3	6,6	14,1	47,0
Portugal	4,3	11,3	24,9	6,4	11,8	21,9

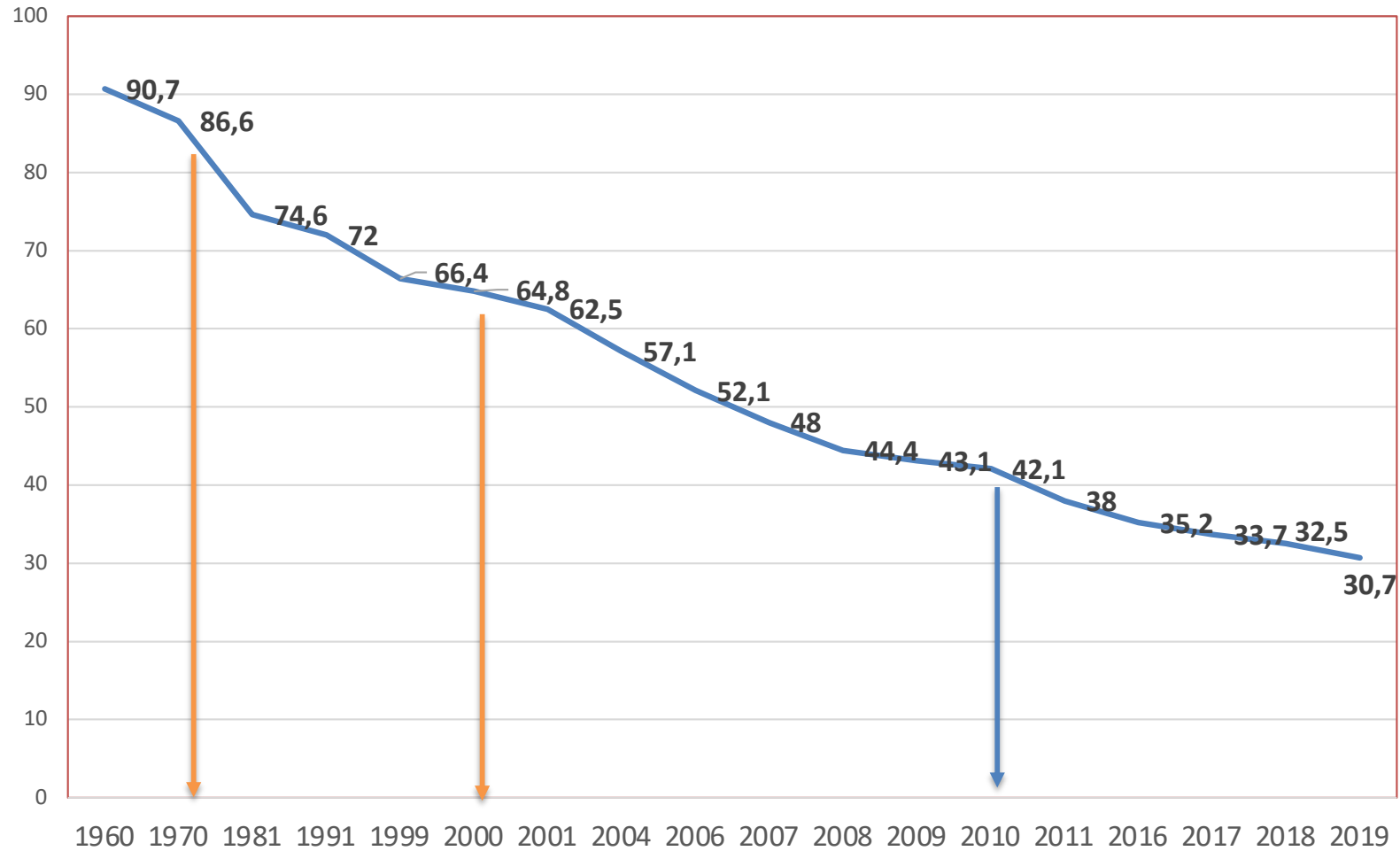
European Social Survey, 2006; Fonte: Torres e Lapa, 2011

Aceleração para Portugal no plano dos indicadores demográficos

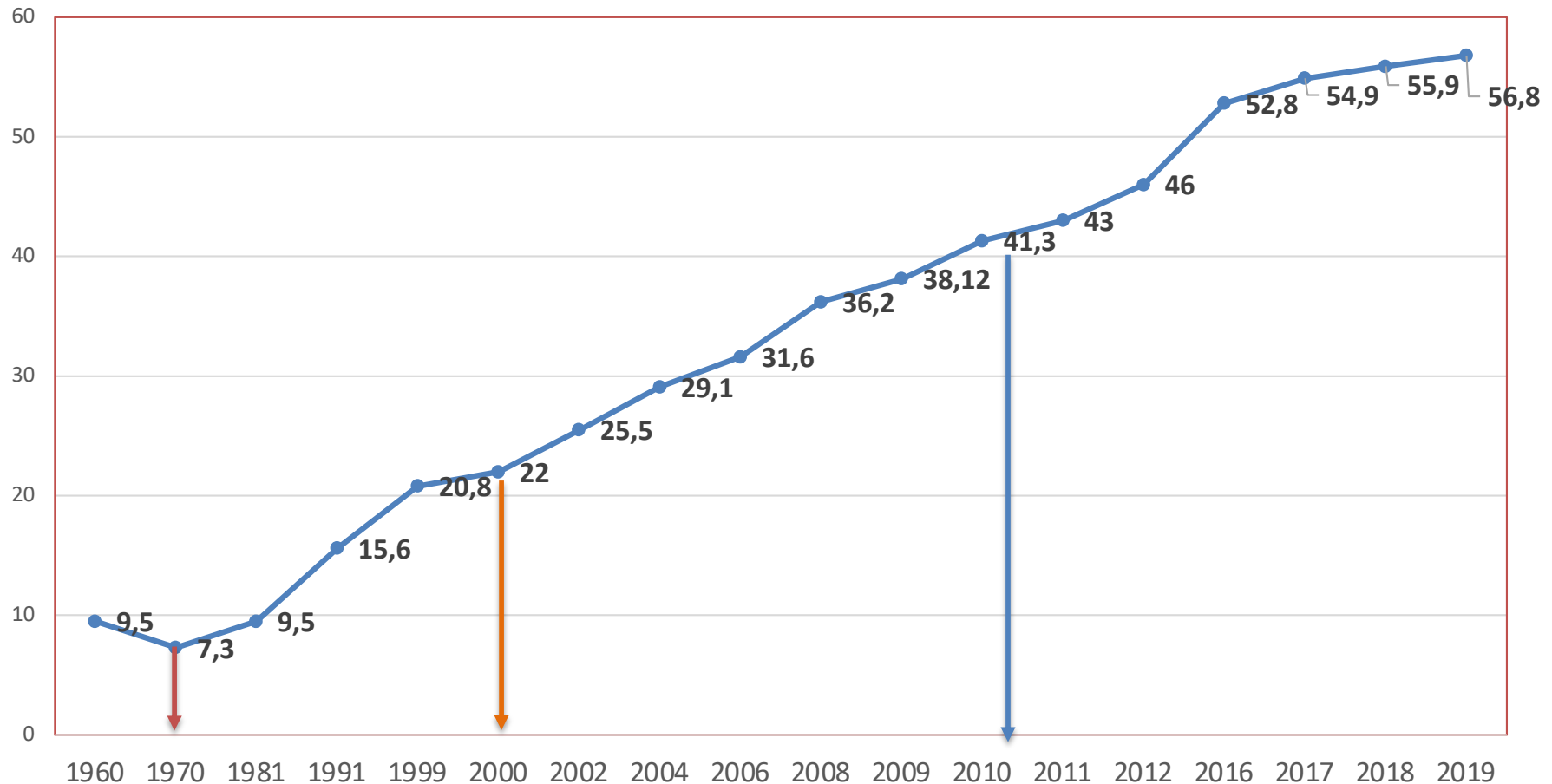
Em 10 anos (de 2000 para 2012) alguns indicadores mudaram tanto como em 30 (de 1970 para 2000);

- Descida acentuada do casamento católico - dos 86,6% nos anos 70 aos 30,7% em 2019.**
- Subida acentuada dos nascimentos fora do casamento - dos 7,3 % nos anos 70 aos 56,8% em 2019.**

Evolução do casamento católico (1960-2019) Portugal (%)



Nascimentos fora do casamento (1960-2019) Portugal (%)



- A maioria das/os filhas/os nascidas/os fora do casamento são fruto de uniões de fato (87% em 2012).
- Diminuem acentuadamente as/os filhas/os de mães adolescentes (9,5% em 2012 e 29,5% em 2005)

3. Diferenças entre HM, semelhanças e desigualdades

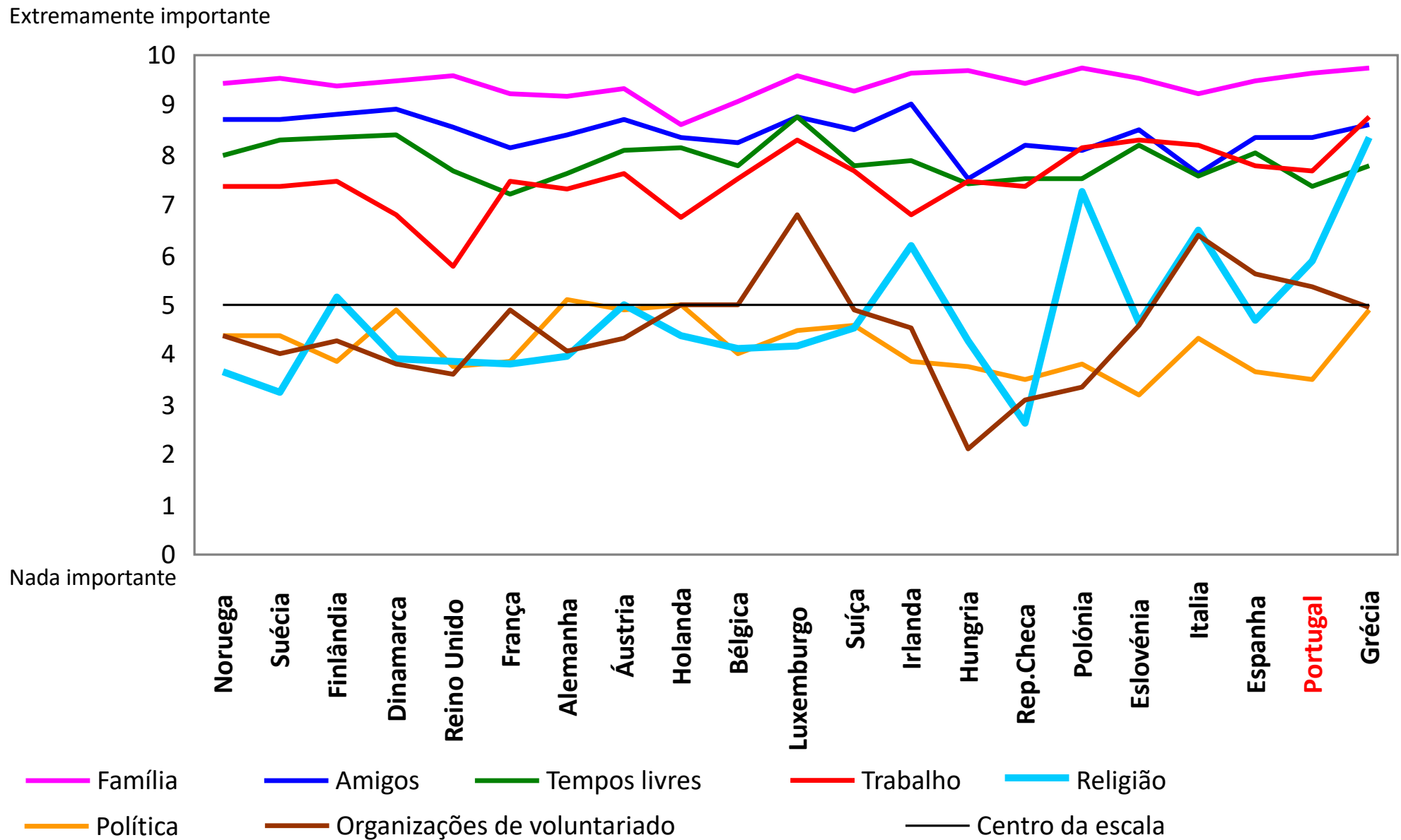
3.1 Conclusões de pesquisa contraintuitivas

- Resultados de pesquisa no domínio científico dos estudos de género mostram que nas nossas sociedades:

As diferenças inter-sexos são muito menores do que as diferenças intra-sexos.

- A construção social da diferença (Amâncio, 1994)
- Vejamos os dados:

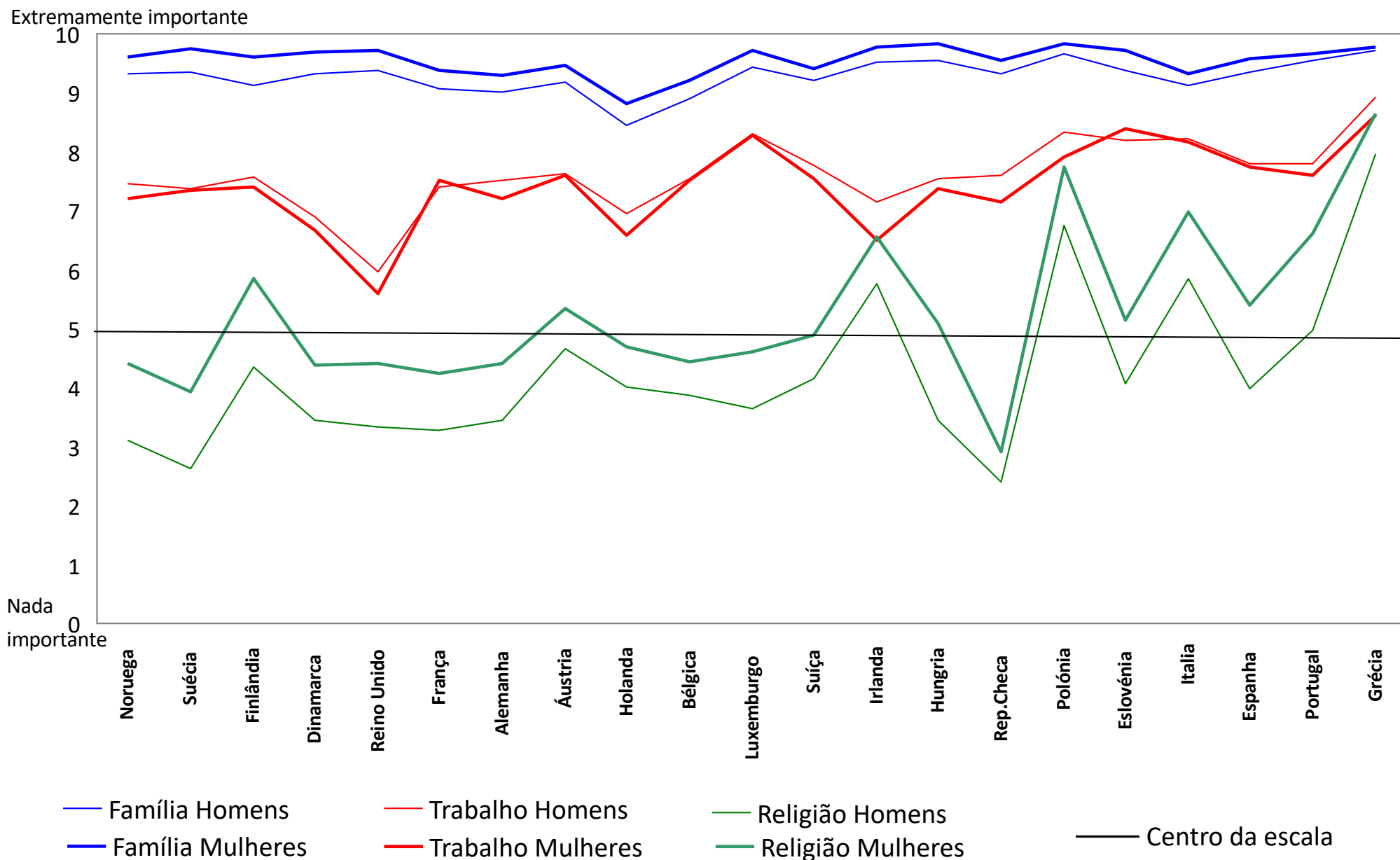
Qual a importância de cada um destes aspectos na sua vida?



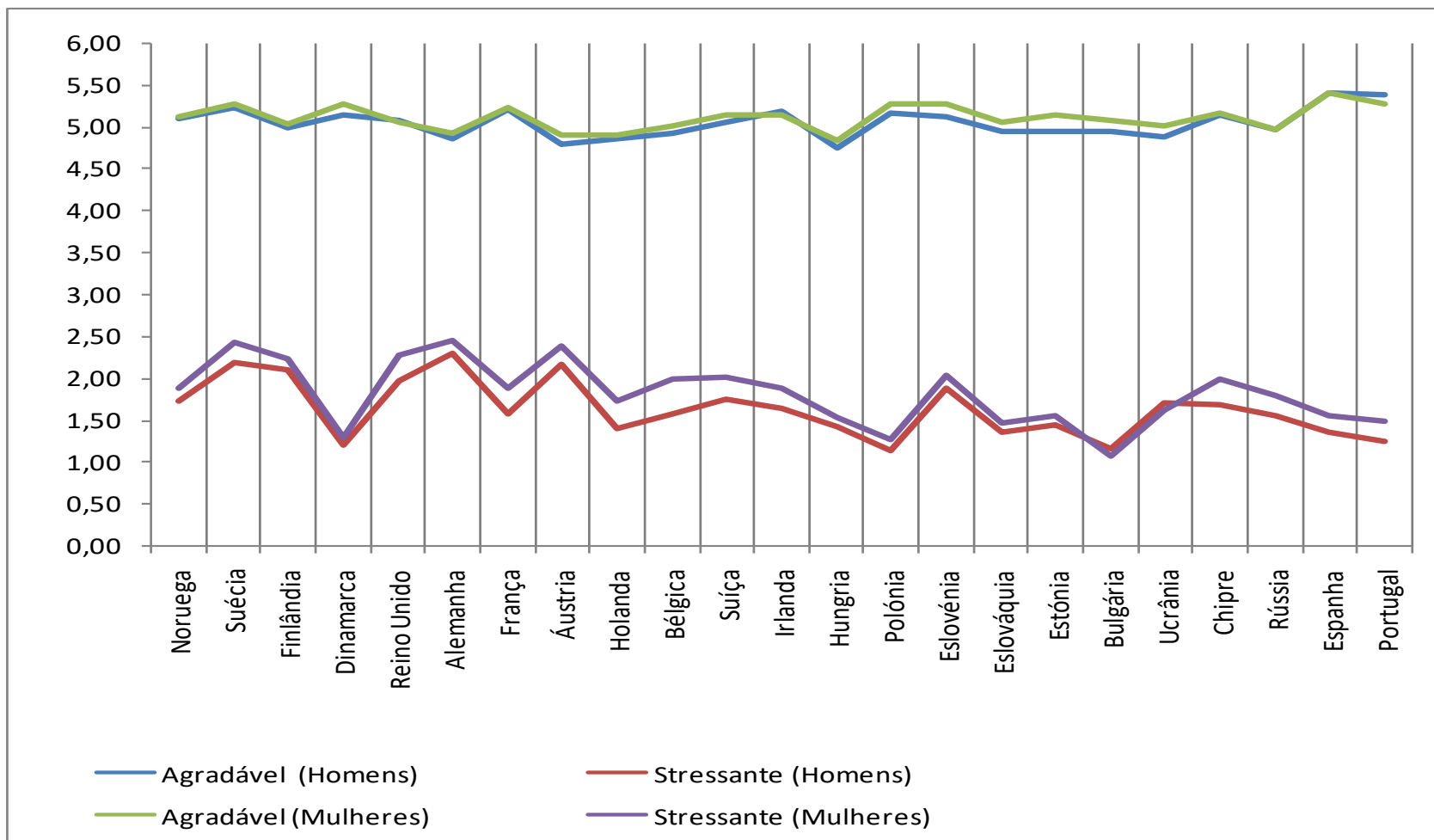
- **As mulheres dão a mesma importância ao à família e ao trabalho do que os homens?**
- **Os homens são de Marte e as mulheres são de Vénus?**

Qual a importância de cada um destes aspectos na sua vida?

(médias)

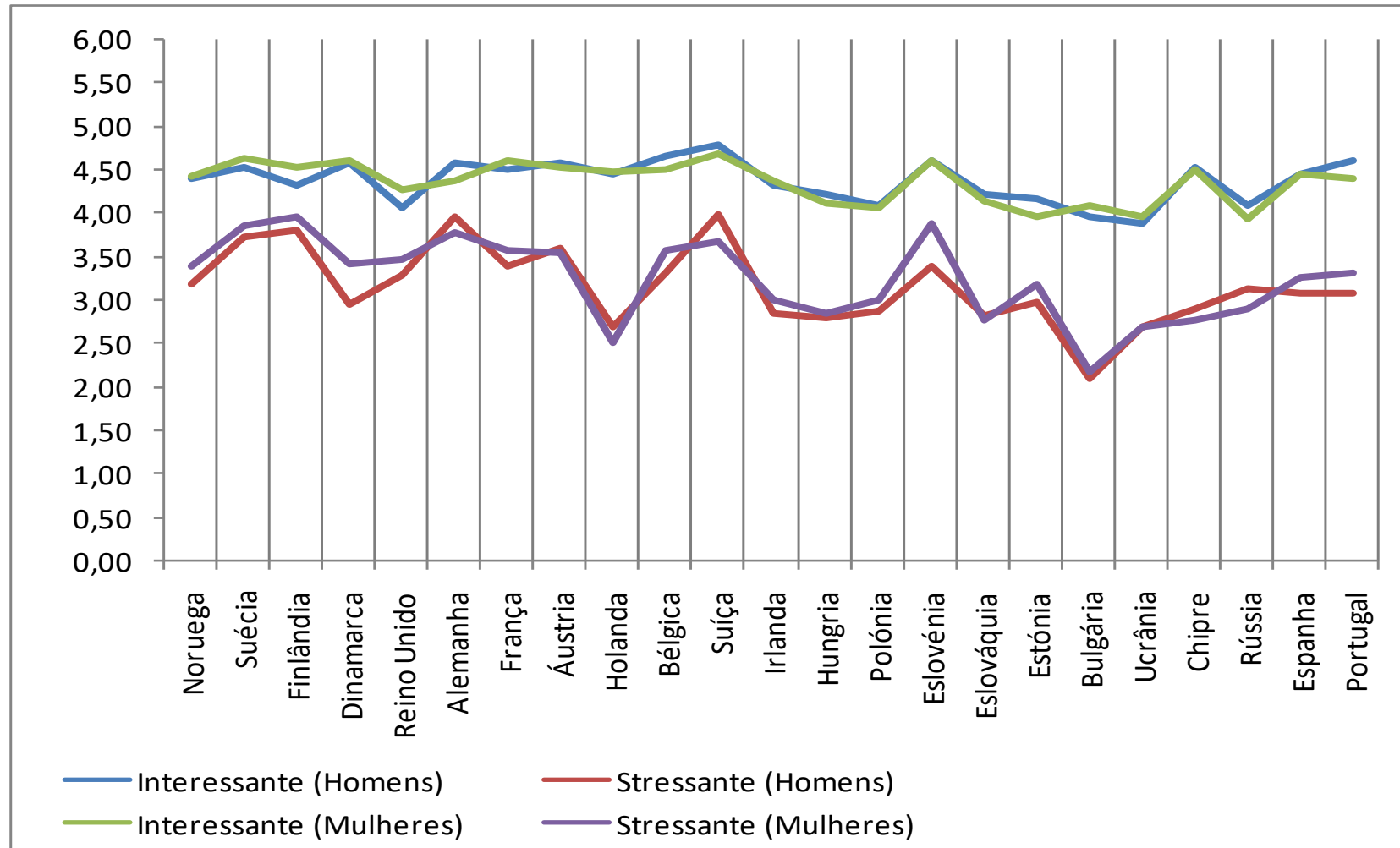


Opiniões dos homens e das mulheres sobre a família



Fonte: ESS, round3, 2006

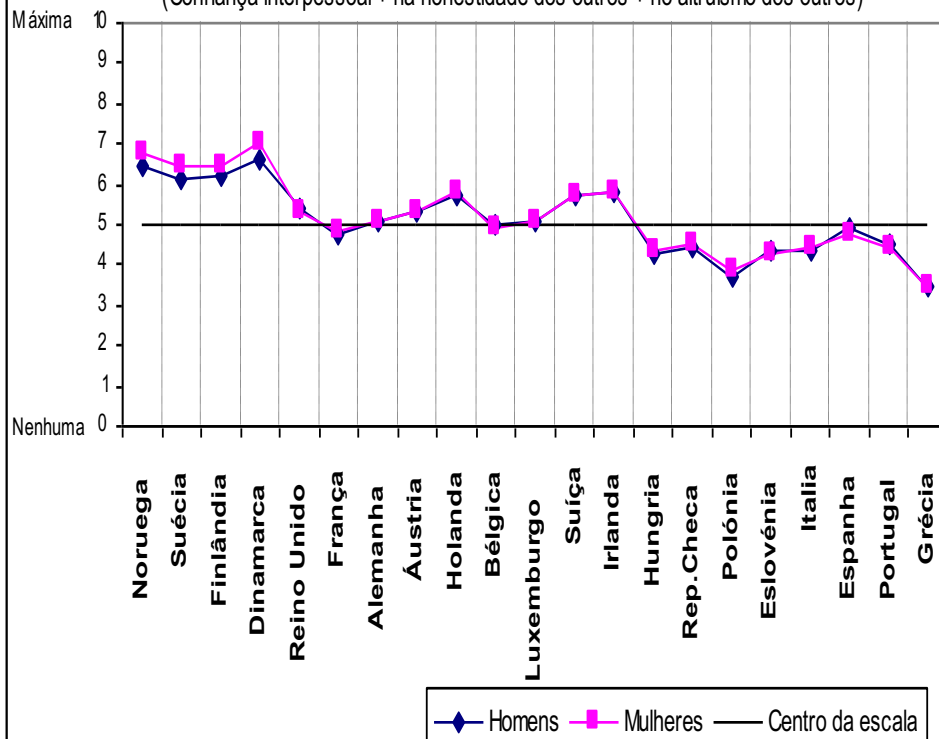
Opiniões dos homens e das mulheres sobre o trabalho



Fonte: ESS, round3, 2006

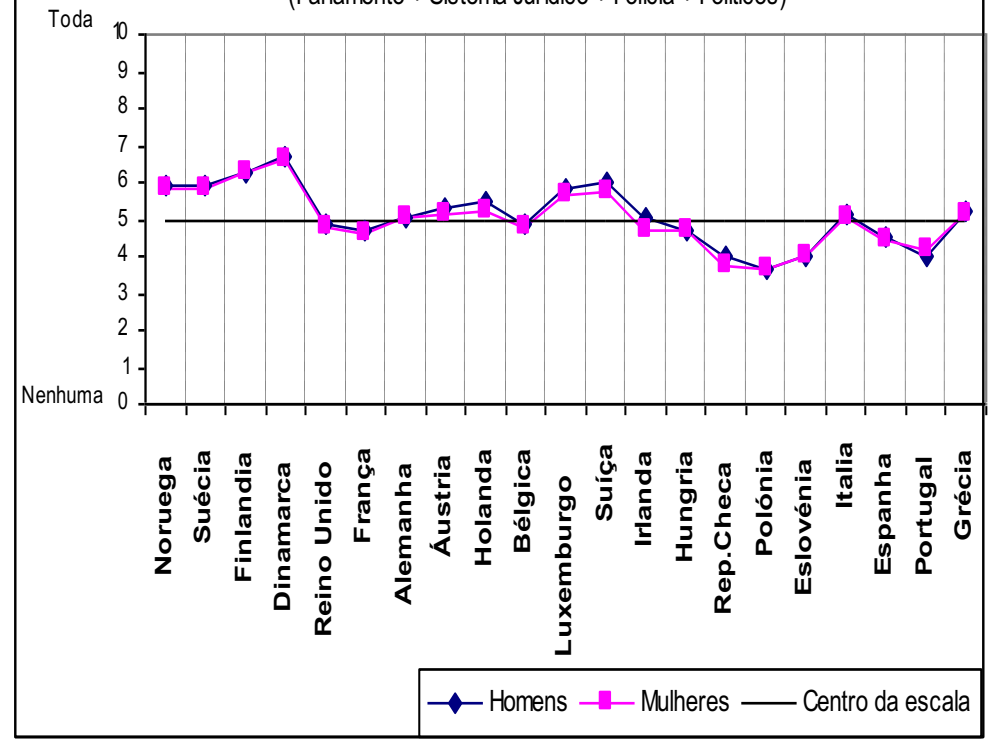
Índice agregado de Confiança Social

(Confiança interpessoal + na honestidade dos outros + no altruísmo dos outros)



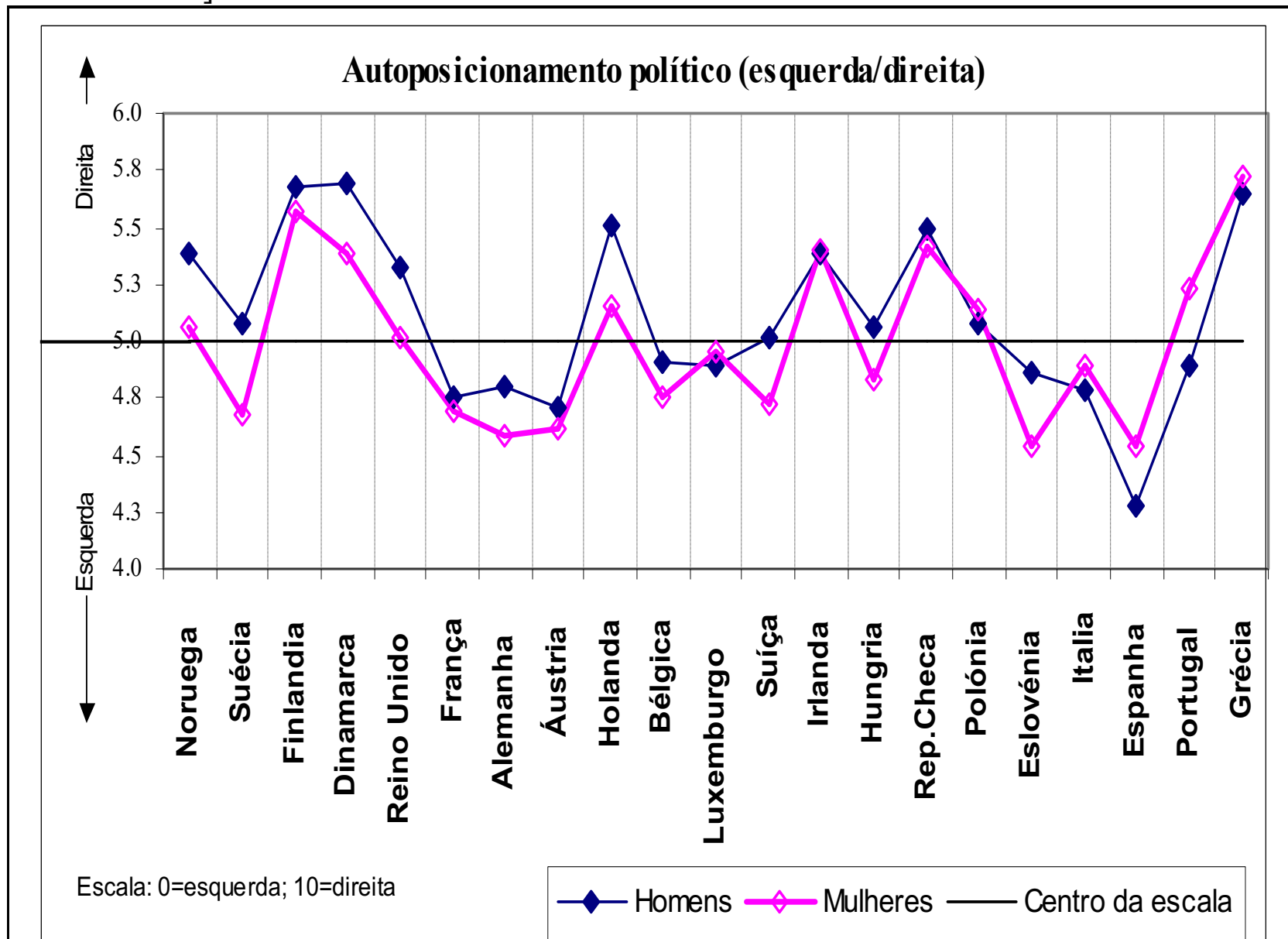
Índice agregado de confiança política

(Parlamento + Sistema Jurídico + Polícia + Políticos)



Algumas diferenças de opinião....

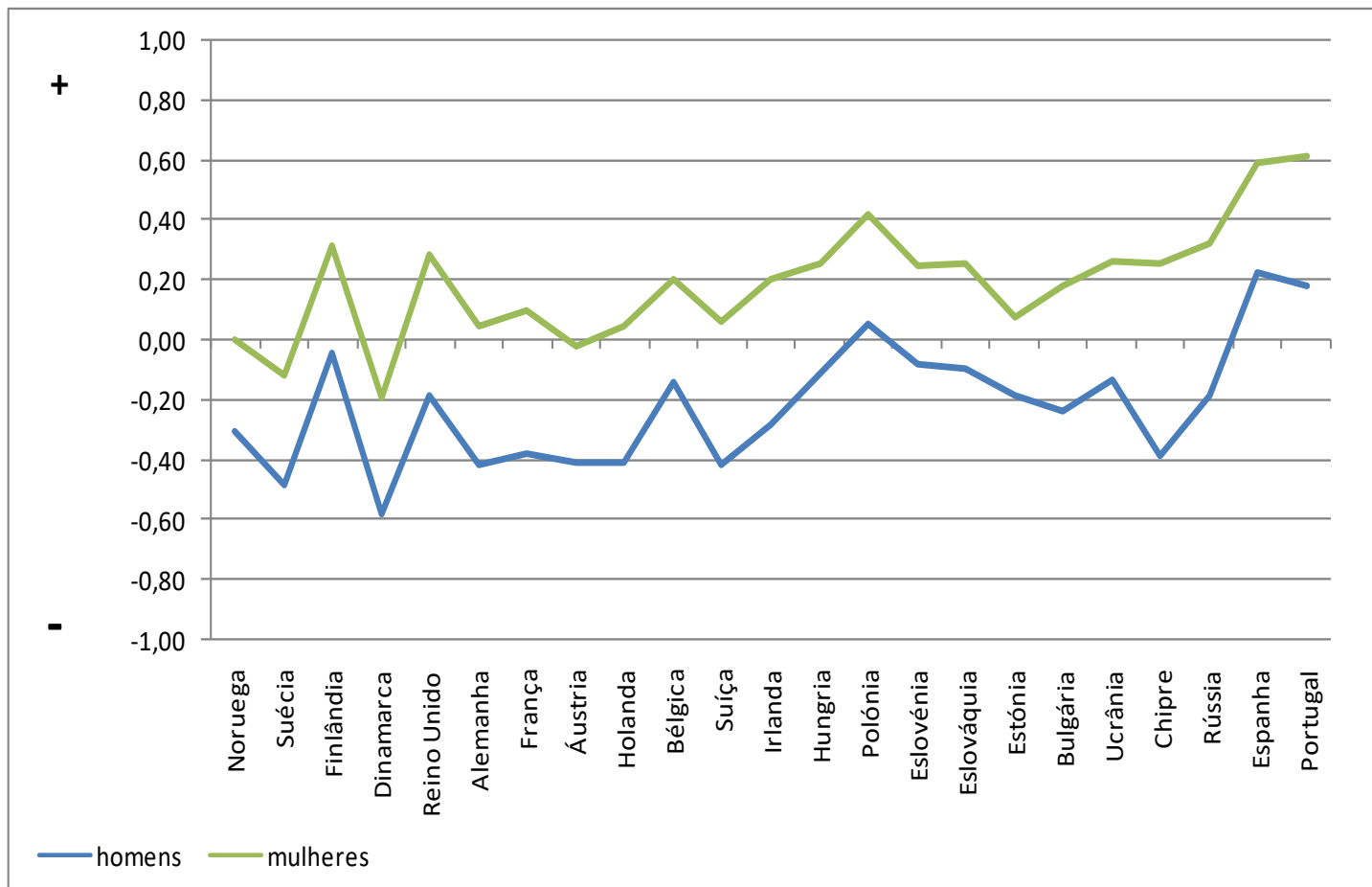
FIGURA Nº 7]



Variância por sexo: $F(1,32315)=16,321; p=0.000; \eta^2=0,001$

Variância por países: $F(20,32314)=32,406; p=0.000; \eta^2=0,020$

Distanciamento Político – ESS 2006



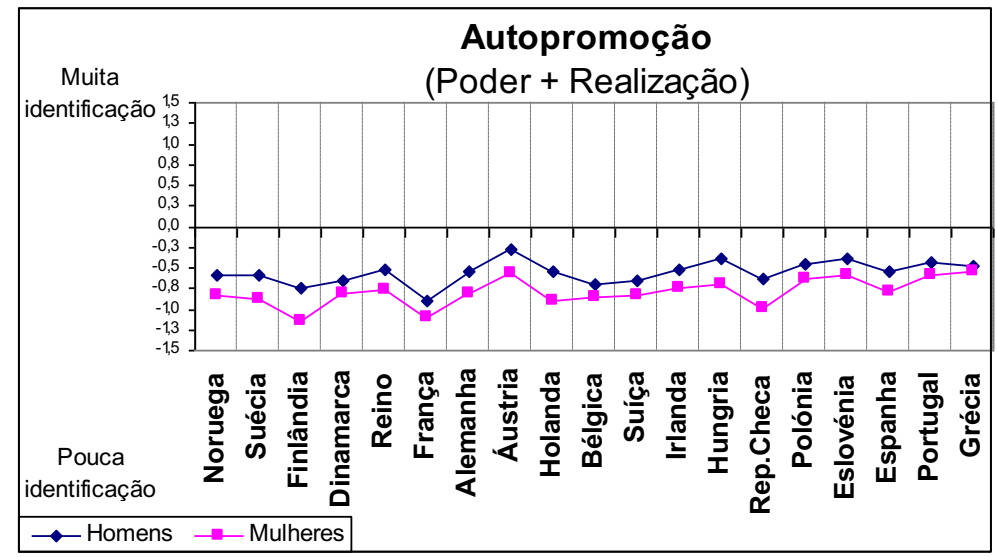
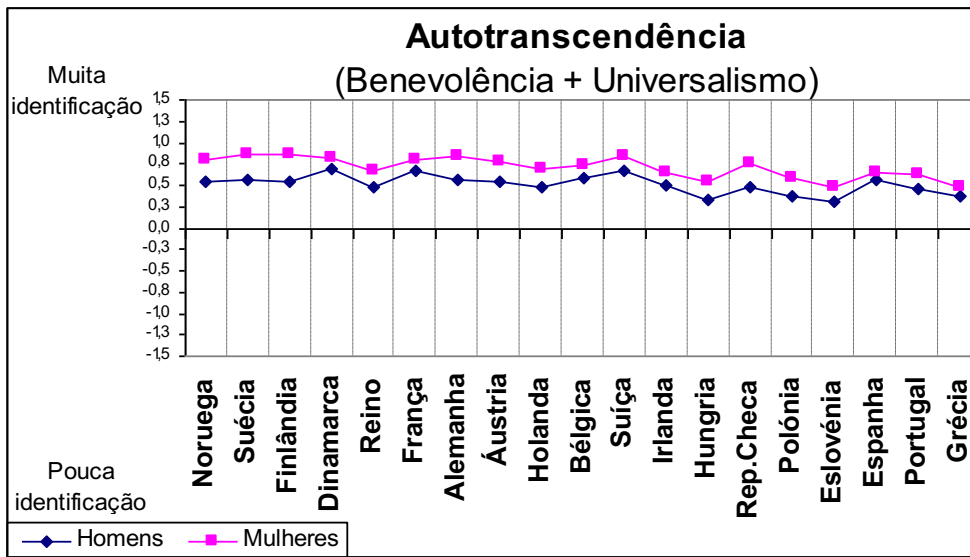
Variância explicada = 69,1%; $\alpha = 0,67$

Variância por sexo: $F(1, 41843) = ,1897,189 p = 0,000, Eta^2 = 0,043$

Variância por países: $F(22, 41920) = 82,210, p = 0,000, Eta^2 = 0,041$

Índice de distanciamento da política: “Qual o seu interesse pela política?”, “Com que frequência a política lhe parece tão complicada que não percebe verdadeiramente o que se está a passar?”, “Qual o grau de dificuldade em tomar uma posição acerca de questões políticas?”

Tipos motivacionais de ordem elevada

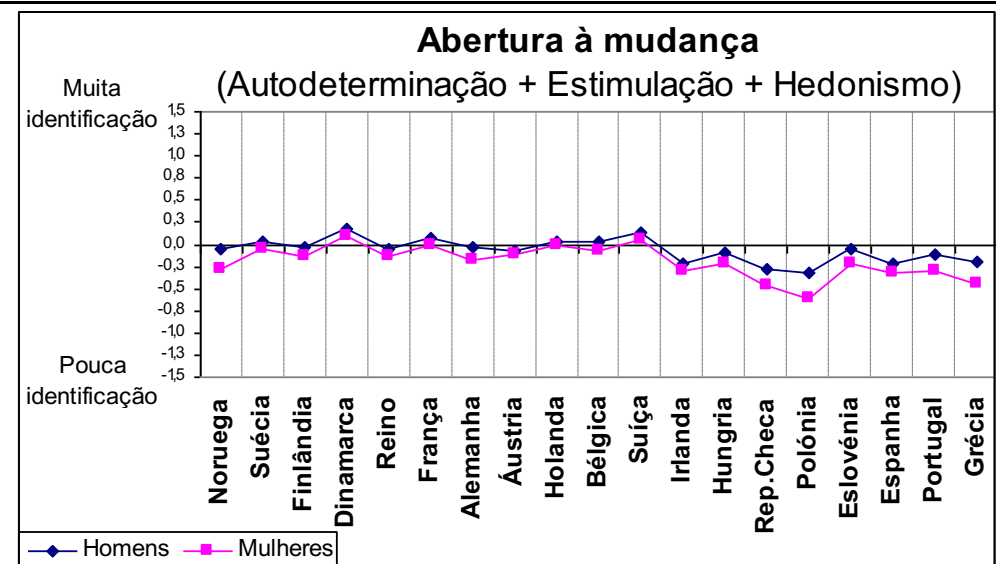
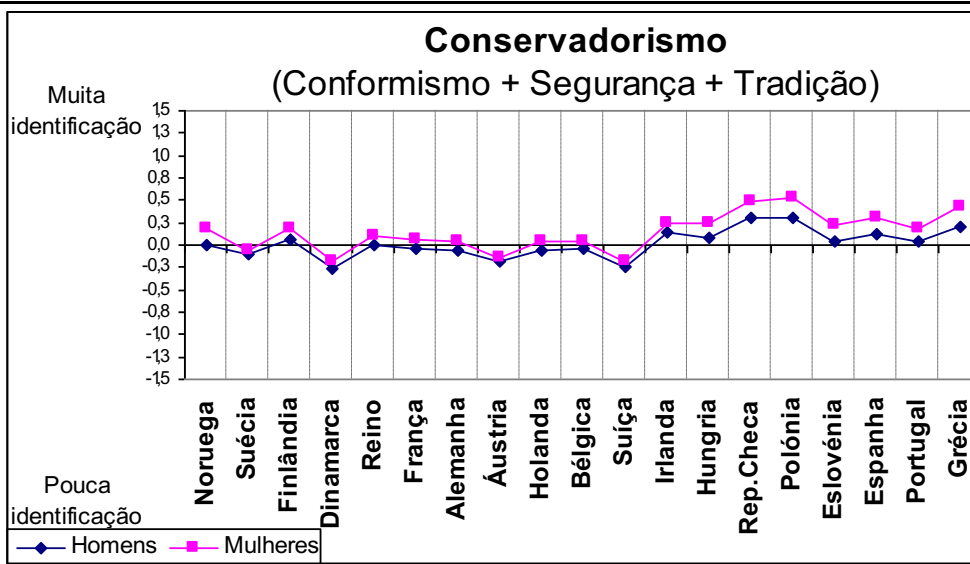


Variância por sexo: $F(1,28804)=972,789; p=0.000; Eta^2=0,033$

Variância por países: $F(18,28796)=51,378; p=0.000; Eta^2=0,031$

Variância por sexo: $F(1,28804)=775,528; p=0.000; Eta^2=0,026$

Variância por países: $F(18,28796)=66,075; p=0.000; Eta^2=0,040$



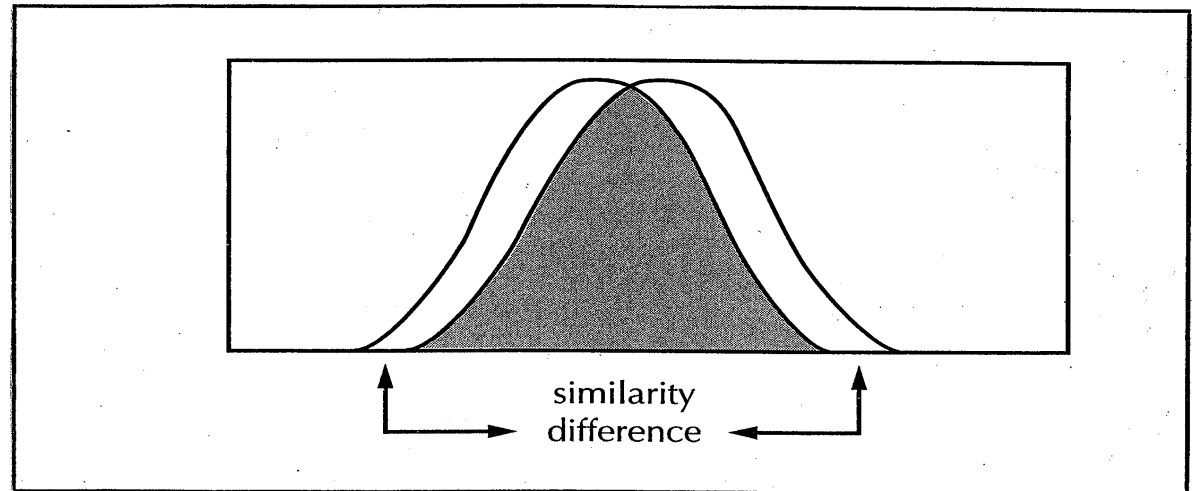
- Do *traditional gender gap* para o *modern gender gap*.
- Valores e política, terreno de ligeira diferenciação de opinião. Mulheres mais universalistas, benevolentes mas também globalmente mais conformistas.
- Quando os valores de modernidade na família e a igualdade de género estão em causa as mulheres são sempre mais “modernas” do que os homens.

Legenda:

Descrição esquemática das distribuições sobrepostas de traços, atitudes e comportamentos por género. Estas distribuições sugerem muito maiores similitudes entre homens e mulheres do que diferenças.

Kimmel (2000:15).

As proximidades de posições nunca foram tão grandes. O que torna as desigualdades, nomeadamente as que se registam no plano do acesso aos **orgãos de chefia** e de **decisão política**, ainda mais gritante sugerindo um enorme **deficit democrático** nas na maioria das sociedades europeias e ocidentais (Inglehart, Norris e Welzel, 2003: 91)



Como mostra Connel:

“(...) O principal resultado, **após cerca de oitenta anos de pesquisa, é uma *semelhança* psicológica massiva entre mulheres e homens** na população estudada por psicólogos/as. **As diferenças nítidas entre os dois grupos são poucas e confinadas a temas restritos**”. (Connel, 1987, p.170).

“Na realidade, em praticamente toda a investigação que tem sido feita relativamente aos atributos associados à **masculinidade ou à feminilidade**, as diferenças entre as mulheres e entre os homens são muito maiores do que as diferenças médias entre mulheres e homens”. (Kimmel, 2000: 15)

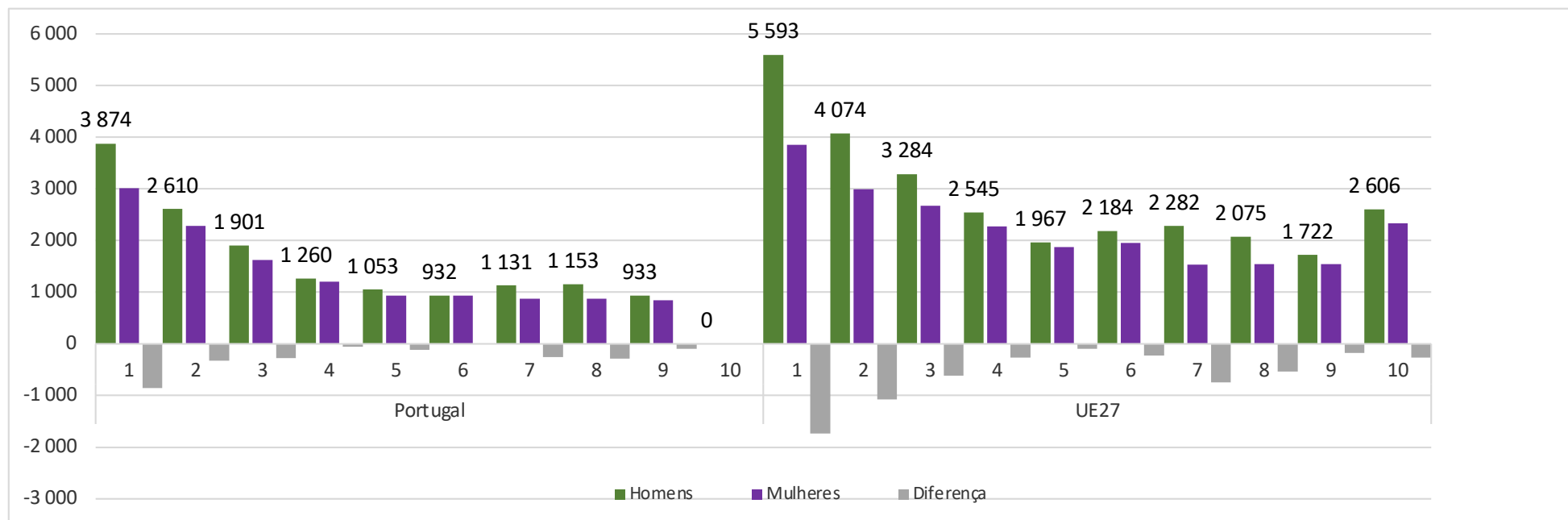
Citados em Torres e Brites (2006)

Mas desigualdades...

Mulheres ganham expressivamente menos do que os homens em TODOS os grandes grupos de profissões em Portugal e em toda a Europa. Em Portugal (2018):

- Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores/as e gestores/as executivos/as **856€ (1)**.
- Especialistas das atividades intelectuais e científicas **322€ (2)**
- Trabalhadores/as qualificados/as da indústria, construção e artífices **256€ (7)**
- Operadores/as de instalações e máquinas e trabalhadores/as da montagem **283€ (8)**.

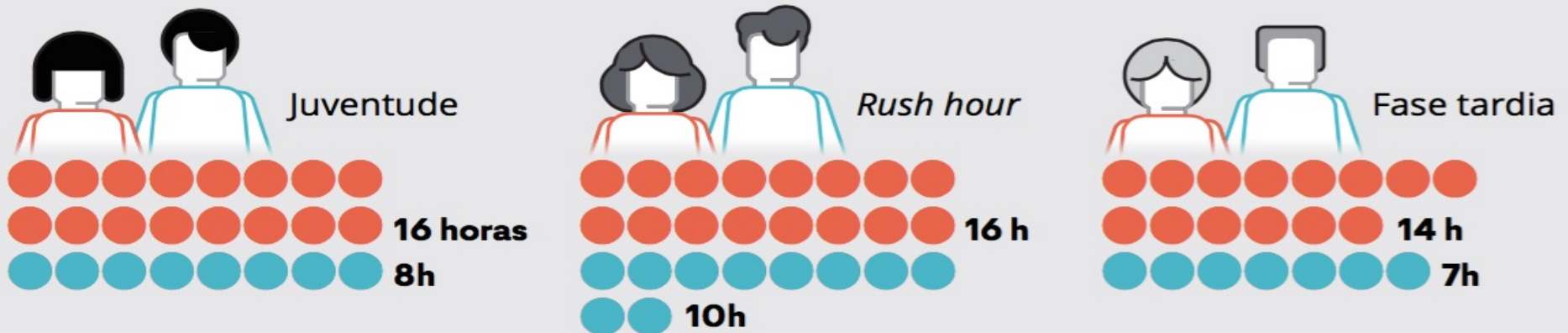
Remuneração mensal, por grande grupo de profissão, em Portugal e UE 27, 2018 (€ em PPC)



Feminização do trabalho não pago ao longo da vida

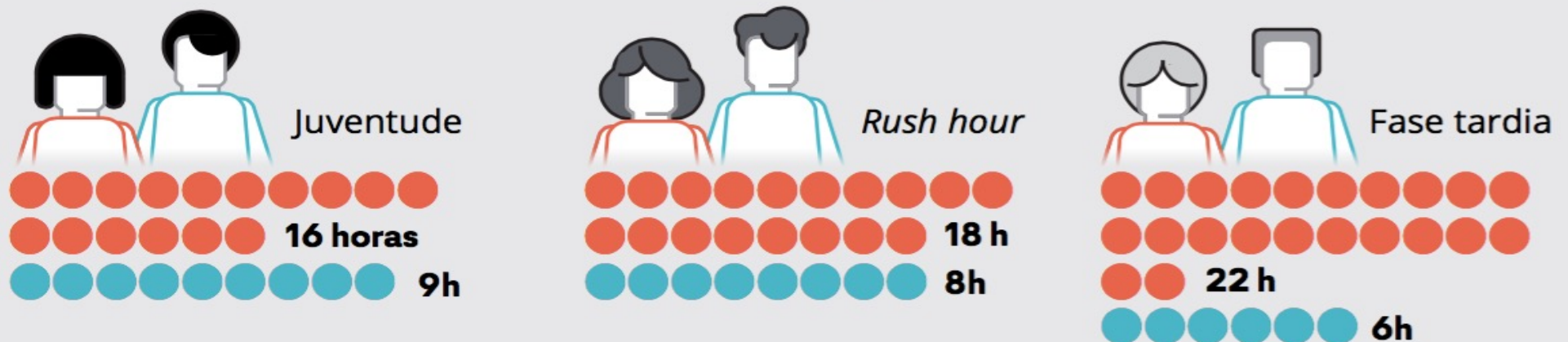
Quem cuida da família

Média de horas semanais, por sexo e idade, em Portugal, 2014

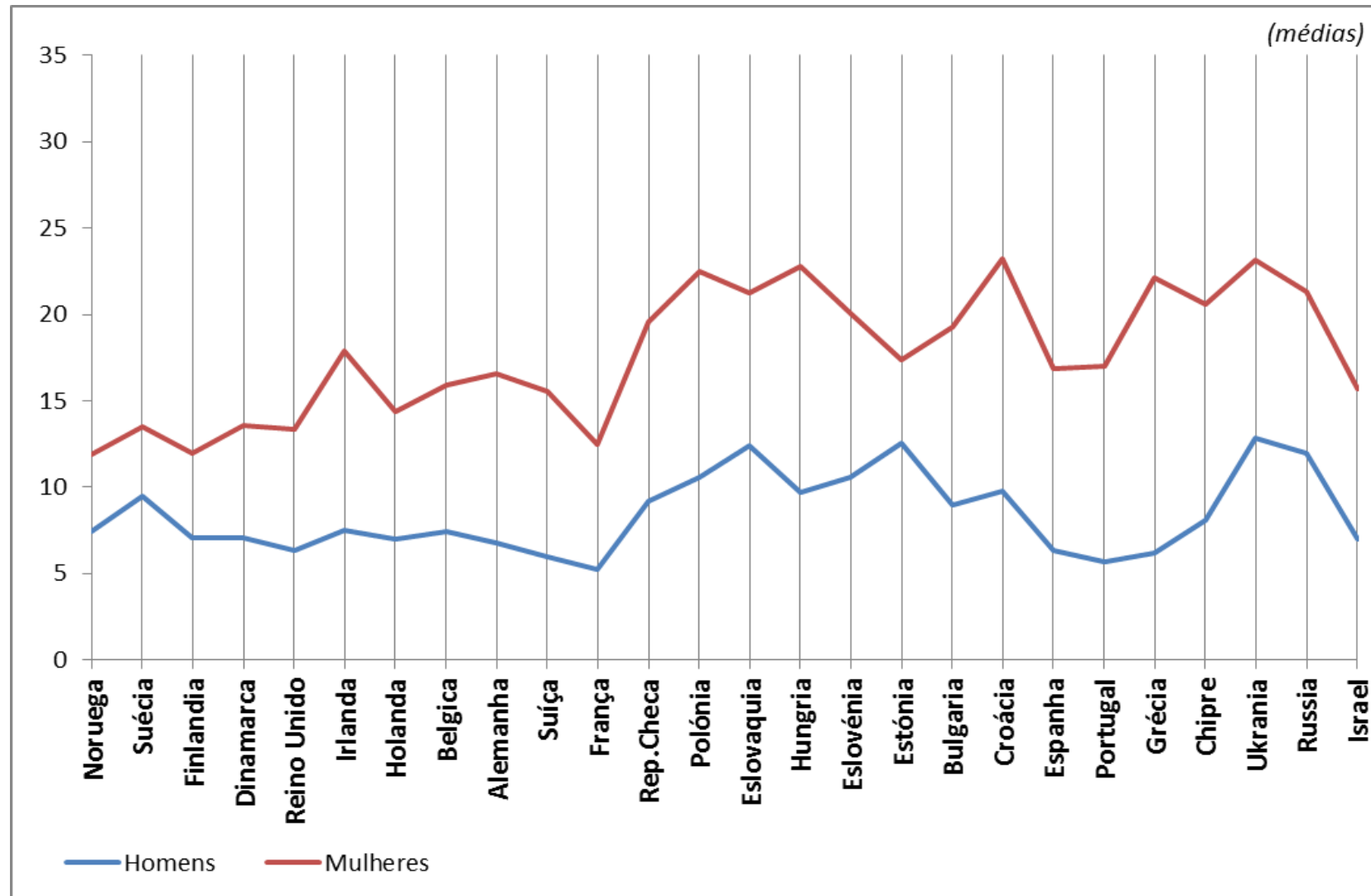


Cuidar da casa

Média de horas semanais, por sexo e idade, em Portugal, 2014



Horas gastas por semana (pessoalmente) a fazer tarefas domésticas, por pessoas que estavam a trabalhar



PAÍSES NÓRDICOS

Com repartição mais igualitária das tarefas

Dinamarca Finlândia Noruega Suécia

EUROPA CENTRAL, REINO UNIDO E IRLANDA

A diferença é menos acentuada

Alemanha Áustria Bélgica França Holanda Irlanda Reino Unido

PAÍSES DO SUL

Chipre Espanha Malta Grécia

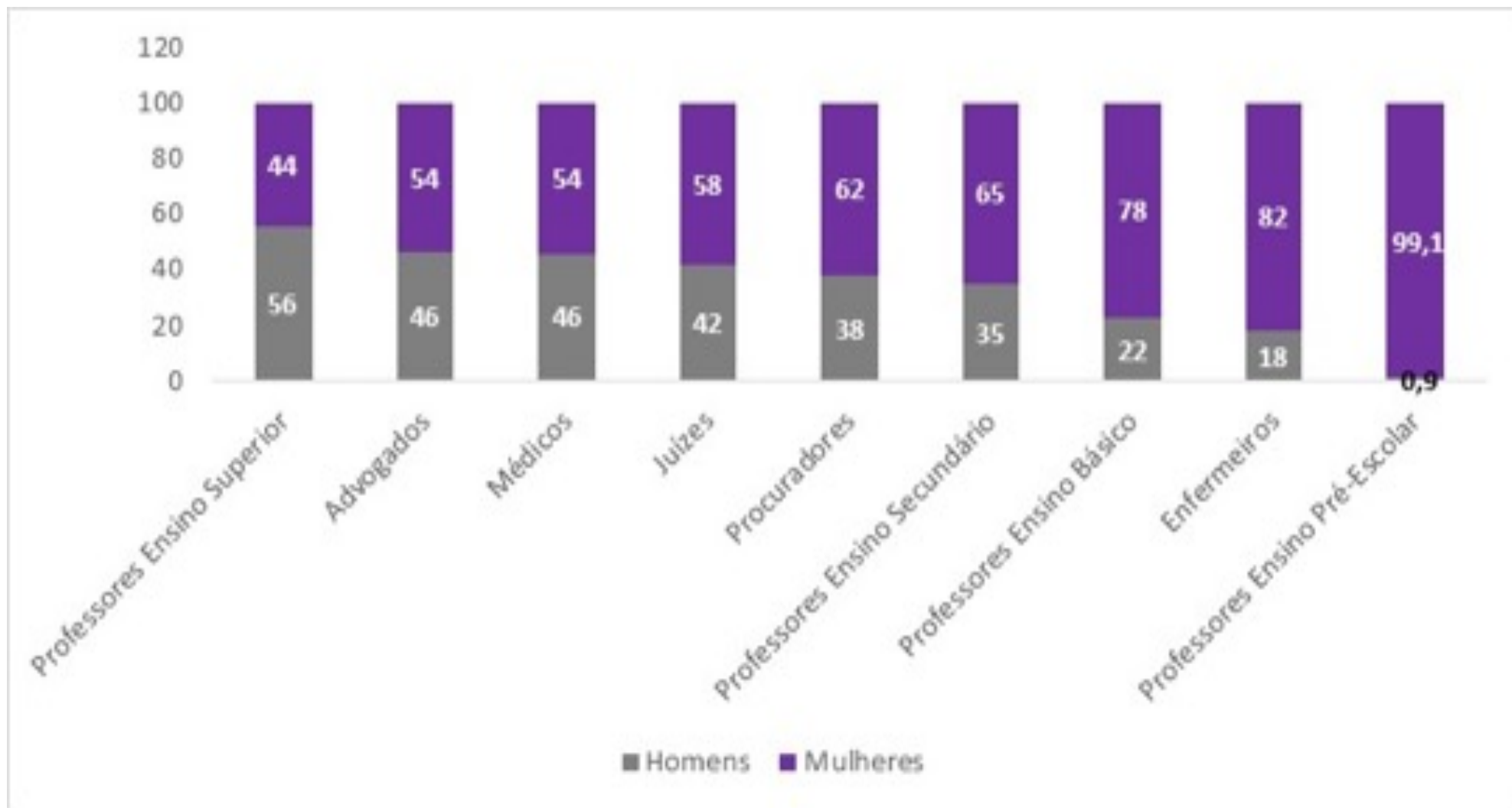
Portugal e Espanha são os países europeus onde as mulheres trabalhadoras são mais sobrecarregadas com **tarefas domésticas não remuneradas**

PAÍSES DO LESTE

- As mulheres são muito sobrecarregadas

Bulgária Letónia Eslováquia Lituânia Eslovénia Polónia Estónia Rep. Checa
Hungria Roménia

Distribuição em % de profissionais das áreas da justiça, saúde e ensino, por sexo, Portugal, 2015



Diferenças e desigualdades.

Expectativas, desejos e ambições idênticas
ou muito semelhantes para homens e
mulheres;

Realidades vividas diferentes.

4. Notas conclusivas

1. Precisamos de entender a desigualdade como produto das posições **assimétricas** de mulheres e homens, e pessoas homossexuais, nas esferas da **produção, reprodução e sexualidade**.
2. Esta assimetria traduz-se numa hierarquia que valoriza **a dimensão produtiva em detrimento da reprodutiva**, implicando a menorização das mulheres nas relações de poder e na tomada de decisões, apesar dos avanços já verificados.
3. A desvalorização **simbólica do cuidado e do feminino**, tem também efeitos precoces e subtis nos **processos de socialização e construção de identidade e na vida quotidiana**; as crianças e os jovens participam ativamente nestes processos, embora também possam resistir-lhes e contradizer estereótipos.

4. Devemos também ter em conta os **preconceitos conscientes e inconscientes** que contribuem para estas desigualdades.
5. Embora transversais a todas as dimensões da vida, **as relações de género são vivenciadas de forma diferente** de acordo com a classe social, a raça/etnia, a orientação sexual e também outros contextos sociais como: geracional, regional, nacional e etário. Os constrangimentos de género operam tanto sobre as **mulheres como sobre os homens e sobre as pessoas não binárias**.
6. Em Portugal:
 - 1) Temos por uma lado grandes mudanças no plano dos comportamentos e práticas e mesmo no plano cultural, como vimos atrás, com **avanços significativos** também no plano do protagonismo feminino, e também **no plano das mudanças legais – sucessão de mudanças desde 2006 a 2016 - e** nalgumas medidas de política pública;
 - 2) mas estamos ainda muito longe de transversalizar estas questões na **plano educativo, em todos os níveis de ensino**, e de as considerar uma **área de conhecimento tanto no plano científico** como no plano social.

Masculinidades

- “Violence against women—it's a men's issue”, Jackson Katz at TEDxFiDiWomen: <https://youtu.be/KTvSfeCRxe8>
- “Why Gender Equality Is Good for Everyone — Men Included”, Michael Kimmel at TED Talks: <https://youtu.be/7n9IOH0NvyY>
- “Men and Gender”, Michael Kimmel: <https://youtu.be/GQh0lt7V-U0>
- “The Guy’s Guide to Feminism””, Michael Kimmel: <https://youtu.be/KM0n0QOfPGA>
- “Masculinities”, Raewyn Connell at the All About Women 2016: <https://youtu.be/B5fggib1-yw>
- **Identidade de Género e Coadoção:**
- “Coadoção em casais de pessoas do mesmo sexo”, Pediatra Mário Cordeiro: <https://youtu.be/7x0xe4Olbq8> .
Do cuidar e da autonomia.
- “Gender assigned to us at birth should not dictate who we are”, Sarah McBride at TEDxMidAtlanticSalon: <https://youtu.be/Kw5vyJ30djM>

LINKS úteis

Estereótipos, mulheres e homens:

- Women Portrayed in Mass Media / Gender Stereotypes of Women: <https://youtu.be/ibiwHRVwCyc>
- Gender Stereotypes in Media: <https://youtu.be/0nIXUjzyMe0>
- How men are portrayed in the media: <https://youtu.be/-SA3ZKWkO4Y>

Estereótipos Crianças e socialização:

- Gender Roles-Interviews with Kids: <https://youtu.be/-VqsbvG40Ww>
- Performing Gender: <https://youtu.be/BhGY7uieATQ>
- **Interseccionalidade:**
- “Intersectionality”, Kimberlé Crenshaw, keynote at WOW 2016: <https://youtu.be/-DW4HLgYPIA>
-

CIEG

“Making a Difference: Addressing Gendered and Intersectional Violence”,
Margaret Abraham *keynote speaker* no I Congresso Internacional do CIEG:

<https://youtu.be/059RMnoSytM>

“On men, masculinities and gender power relations: A one-way transversal
dialogue with myself around some pathways, challenges and interdisciplinary
perspectives.”, Jeff Hearn *keynote speaker* no I Congresso Internacional do CIEG:

<https://youtu.be/EvcsCW-TTWE>

Referências bibliográficas

Amâncio, Lígia (1994), *Masculino e Feminino. A construção Social da Diferença*, Porto: Afrontamento.

Amâncio, Lígia (2003). O género no discurso das ciências sociais. *Análise Social*, vol. xxxviii(168), pp. 687-714.

Bernard, J. (1973) My four revolutions: An autobiographical history of the ASA, *American Journal of society*, 78:773-791.

Blackless, Melanie, Anthony Charuvastra, Amanda Derryck, Anne Fausto-Sterling, Karl Lauzanne, and Ellen Lee (2000), “How sexually dimorphic are we? Review and synthesis”, *American Journal of Human Biology*, 12, pp.151-166.

Butler, Judith (1999), *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, London & New York: Routledge.

Butler, Judith (1999), *Undoing Gender*, London & New York: Routledge.

Connell, Raewyn (Robert William) (1987), *Gender & Power: society, the person and sexual politics*, Cambridge: Polity.

Connell, Raewyn (Robert William) (1995), *Masculinities*, Cambridge: Polity.

Connell, R. W. (2002). *Gender*. Cambridge: Polity.

Hines, M. (2014) Your brain has a gender? In: AAVV Brain.org. Fórum Gulbenkian de Saúde 2012. (pp. 129-145). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Kimmel, Michael (2000), *The Gendered Society*, Oxford: Oxford University Press.

Kramer, Laura (2005), *The Sociology of Gender*, Los Angeles: Roxbury.

Lorber, Judith e Farrel, S. (eds.) (1991), *The Social Construction of Gender*, Los Angeles: Sage.

Lorber, Judith, (2005), *Gender Inequality. Feminist Theories and Politics* Los Angeles: Roxbury Publishing Company, 3rd Edition.

Ryle, Robin, *Questioning Gender. A sociological Exploration*, Sage Publications, 2015 (2th Edition).

Spade, Joan Z.; Valentine, Catherine G. (2014), *The Kaleidoscope of Gender. Prisms, Patterns, and Possibilities*, London, Sage, (4th edition).

Torres, Sociologia da família. Teorias e Debates, Relatório da Unidade Curricular. Provas de agregação, ISCTE, 2010.

<http://www.analiatorres.com/pdf/agregacao/RelatoriodaUCSociologiadaFamiliaTeoriasedebates.pdf>

Torres, A. Sexo e Género: problematização conceptual e hierarquização das relações de género

<https://www.analiatorres.com/images/untitled%20folder/Sexo%20e%20G%C3%A9nero%20problematiza%C3%A7%C3%A3o%20conceptual%20e%20hierarquiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20rela%C3%A7%C3%B5es%20de%20g%C3%A9nero.pdf>

Torres, Anália *Porque precisamos de estudos de género, feminismos e estudos sobre as mulheres?*

<http://www.analiatorres.com/images/untitled%20folder/Discurso%20de%20Abertura%20Congresso%20CIEG%20final.pdf>

Torres, A. e Brites, R. (2006) “ Atitudes e valores dos Europeus: a perspectiva do género numa análise transversal”, in Jorge Vala e Anália Torres (org.), *Contextos e Atitudes e Sociais na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 325-378, 2006.